

## Território fluvial periférico: as formas espaciais flutuantes de Tefé no Amazonas

### Peripheral river territory: the floating spatial forms of Tefé in the Amazon

Kistian Oliveira de Queiroz<sup>1\*</sup>

---

#### RESUMO

O uso das águas territoriais pertencentes ao maior centro urbano da região do Médio Solimões no Amazonas, a cidade de Tefé, possibilitou a produção de formas espaciais constituídas a partir de relações efetuadas por flutuantes com funções sociais diversas que atendem às relações irradiadas pela cidade e à rede urbana regional. O objetivo desse artigo é compreender o papel dos flutuantes de Tefé para a integração territorial e o desenvolvimento regional. Com esse intuito, elabora-se a identificação e classificação das formas espaciais flutuantes das águas territoriais de Tefé para compreender a dinâmica espacial e suas repercussões sociais e econômicas úteis à região.

**Palavras-chave:** Formas espaciais flutuantes; Águas territoriais; Tefé.

---

#### ABSTRACT

The use of territorial waters belonging to the largest urban center in the Middle Solimões region in Amazonas, the city of Tefé, enabled the production of spatial forms constituted by relationships carried out by "floating" with different social functions that serve the relationships radiated by the city and the regional urban network. The objective of this article is to understand the role of floatings of Tefé for territorial integration and regional development. With this aim, the identification and classification of the floating spatial forms of the territorial waters of Tefé is elaborated to understand the spatial dynamics and its social and economic repercussions useful to the region.

**Keywords:** Floating spatial forms; Territorial waters; Tefé.

---

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amazonas.

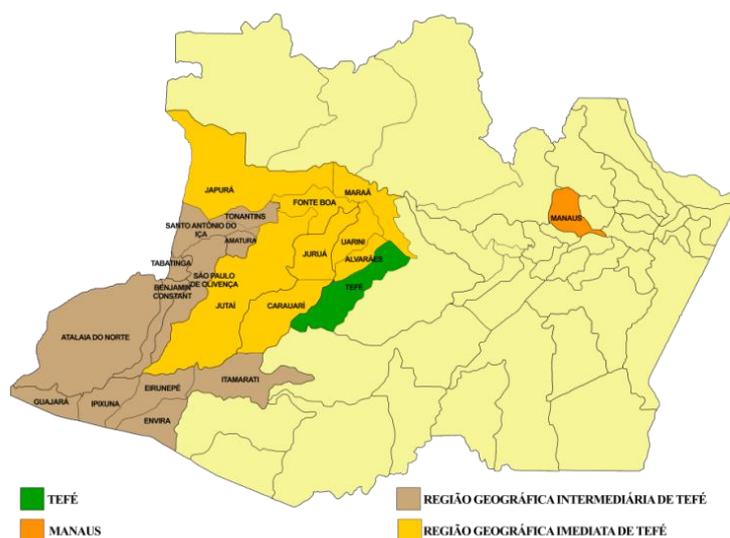
\*E-mail: [kssqueiroz@gmail.com](mailto:kssqueiroz@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

As águas das principais cidades no Amazonas são ocupadas por estruturas tradicionais conhecidas como flutuantes que efetuam funcionalidades sociais diversas tais como: instituições civis e militares; postos de combustíveis flutuantes ou pontões; atracadouros e depósitos; bares e restaurantes; mercearias, etc. Isso permite uma significativa dinâmica espacial nesse setor fluvial dos centros urbanos amazônicos.

Tefé com 491 flutuantes é o maior centro urbano da região do Médio Solimões no Amazonas (QUEIROZ, 2017), uma das primeiras cidades do Brasil (THÉRY e MELLO, 2009, p. 53), efetua o papel de nó de rede da circulação regional desde o século XVIII. Possui uma enorme Região Geográfica Imediata bem como Intermediária (IBGE, 2017) que expressa o seu papel na região (Figura 1).

Figura 1 – Tefé e suas regiões geográficas no Amazonas



Fonte: Elaboração própria, 2022.

O objetivo desse artigo é compreender o papel dos flutuantes de Tefé para a integração territorial e o desenvolvimento regional. A partir do conceito de formas espaciais (CORRÊA, 2002) elabora-se a mensuração, identificação e classificação das formas espaciais das águas territoriais de Tefé para compreender a dinâmica espacial flutuante que absorve relações e agentes da cidade em função da ampliação da rede urbana e do aumento da população. A metodologia deste estudo adotou o levantamento bibliográfico e documental e o trabalho de campo para levantamento de dados primários e secundários a partir de entrevistas com membros tanto da comunidade flutuante

quanto com agentes da cidade como: comerciantes, empresários, trabalhadores e armadores de embarcações regionais.

Este artigo busca colaborar para a compreensão das relações socioespaciais em lugares periféricos amazônicos. Evidencia-se que a dinâmica das formas espaciais flutuantes de Tefé viabiliza a geração de emprego e renda bem como inserção social; fatores que corroboram para a integração territorial e o desenvolvimento regional nesta fração do território brasileiro.

### **As formas espaciais flutuantes de Tefé**

Dos 491 flutuantes existentes nas águas territoriais de Tefé 276 possuem funções definidas atuando com 1.136 pessoas trabalhando ou vivendo nestes flutuantes. Ressalta-se que a cidade de Tefé possui 50.069 dos seus 61.453 habitantes na área urbana (IBGE, 2013).

Neste contexto, os flutuantes permitem que as porções fluviais que ocupam sejam um produto territorial da evolução social que visa à melhoria das relações no cenário fluvial a partir da cidade. Isso propicia o estabelecimento de um arranjo flutuante com atividades similares atuando em uma mesma área; promovendo “especializações produtivas” (SILVEIRA, 2011, p.7) que possibilitam diminuir os custos de agentes e clientes. Desta maneira, uma “especialização do espaço” (SANTOS, 2002, p.87) se efetua a partir da busca pelo melhor atendimento às demandas que aprimoram os objetos técnicos, configurados como formas geográficas flutuantes ou objetos técnicos que beneficiam a produção e circulação em razão deste aperfeiçoamento ao mercado local.

Portanto, formas espaciais providenciam uma organização espacial que expressa o uso racionalizado do território fluvial. Sob esta contextualização cabe refletir que:

A evolução social cria de um lado formas espaciais e de outro formas não-espaciais que se transformam em formas geográficas, mas, no momento seguinte, as formas não-espaciais se transformam em formas geográficas. Essas formas geográficas aparecem como uma condição da ação, meios de existência – e o agir humano deve, em um certo momento, levar em conta esses meios da existência. (SANTOS, 1996, p.75).

Para melhor compreender a dinâmica dessas formas e processos recorre-se ao método de Corrêa (2002, p.36) que define os processos espaciais como “forças através das quais o movimento de transformação da estrutura social, o processo, se efetiva espacialmente, refazendo a espacialidade da sociedade”; o autor argumenta que este

conceito busca “dar conta do que ocorre no espaço ao longo do tempo” (CORRÊA, 2002, p.37) e propõe a classificação das formas espaciais resultantes dos processos espaciais reconhecidos como:

i) Centralização e a área central: emerge como resultado do processo de centralização. Divide-se em dois setores: o núcleo central e a **zona periférica do centro**. A primeira caracteriza-se na segunda metade do século XX com: “o uso intensivo do solo” com maior concentração de atividades econômicas; “ampla escala vertical” com presença de edifícios de escritórios que condiciona uma “limitada escala horizontal” e um “limitado crescimento horizontal”; por não possuir muitas residências apresenta uma “concentração diurna da população” em função dos horários do trabalho; isto proporciona a esta área exercer o “foco de transportes intra-urbanos” bem como constituir “áreas de decisões”. A segunda, a “**zona periférica do centro**”, é a área do entorno do núcleo central; vinculadas ao “uso semi-intensivo do solo” com comércio atacadista, armazenagem (depósitos) e indústrias leves ligadas às atividades tanto do núcleo central quanto de toda a cidade; desenvolve-se uma “ampla escala horizontal” com prédios baixos e menor preço da terra; “limitado crescimento horizontal” e “área residencial de baixo *status* social”. Corrêa (2002, p.43) afirma que este setor representa focos de renovação urbana e dos “transportes inter-regionais” com a presença de terminais ferroviários e rodoviários que proporcionam o estabelecimento de hotéis baratos.

ii) Descentralização e os núcleos secundários: processo mais antigo que o de centralização; ocorre em função da fuga de agentes em busca de melhores condições de trabalho e rentabilidade fora das áreas centrais; bem como é resultado de uma menor rigidez locacional que valoriza outros setores da cidade. Seletividades da descentralização se configuram como o resultado destes processos espaciais de diversas configurações Assim, a formação de núcleos secundários se realiza a partir da dinâmica do comércio, dos serviços, da indústria, inclusive pequenas fundições que produzem esquadrias metálicas, portões, peças para veículos etc. Isto redefine a cidade promovendo novas configurações espaciais locais.

iii) Coesão e as áreas especializadas: o processo de coesão resulta em áreas especializadas em diferentes setores da cidade, como por exemplo, ruas e avenidas dedicadas à atuação de agentes do comércio atacadista, de depósitos, de pequenas indústrias e de serviços da zona periférica do centro.

iv) Segregação e as áreas sociais: estes processos são definidos por Corrêa (2002) a partir da divisão social do espaço, os anteriores se definem via uma divisão econômica do espaço. As áreas sociais são caracterizadas pela uniformidade da população por meio do *status* socioeconômico, a urbanização e a etnia; provocando uma segregação residencial que expressa espacialmente as classes sociais. Estão inclusos neste processo a auto-segregação realizada pelas classes dominantes; e a segregação imposta, referentes aos grupos de sujeitos sociais que possuem poucas ou nulas opções de como e onde morar.

v) Dinâmica espacial da segregação: processo relacionado à mutabilidade da segregação onde uma determinada área social pode ser habitada por distintos grupos sociais, tanto de status superior quanto inferior, isto decorre do processo de renovação urbana.

vi) Inércia e as áreas cristalizadas: a valorização do atributo do ser, valores culturais e do símbolo repercutem de forma econômica a viabilidade de investimentos com o intuito de manter tradições que como conteúdo promove áreas cristalizadas, mesmo com formas muitas vezes deterioradas. Uma dimensão aleatória de compreensão do espaço em seu significado não apenas material, mas também imaterial.

Com base nestas proposições, definições e classificações de Corrêa (2002), realiza-se uma análise a partir da inserção de certas áreas do lago urbano de Tefé nessas características enunciadas para uma melhor discussão das formas espaciais deste subespaço flutuante amazônica. Enfatiza-se que a área central da cidade de Tefé foi vinculada a um processo espacial de centralização em função do uso do território ou sua historicidade, que promoveu um adensamento de atividades institucionais, comerciais e de serviços na área central próxima às águas do lago de Tefé. A espacialidade dos sujeitos sociais presentes na cidade se expandiu para as águas territoriais próximas via o movimento pertencente ao entreposto fluvial, de onde o embarque e desembarque de pessoas e provisões de todos os tipos circulam; visto que a pequena cidade de Tefé representa um território municipal desproporcional que se delimita maior que o estado de Sergipe, porém conta com um pequeno centro urbano.

Para melhor discutir os processos e formas espaciais no lago urbano de Tefé inspirado pelo método de Corrêa (2002) propõe-se uma classificação setorial do lago baseada em: i) Zona periférica fluvial do centro; ii) Núcleo secundário do bairro Juruá;

iii) Áreas sociais do bairro do Abial; iv) Áreas cristalizadas do igarapé do Xidarini (Figura 2).

Figura 2 - Leitura dos processos e formas espaciais no lago urbano de Tefé

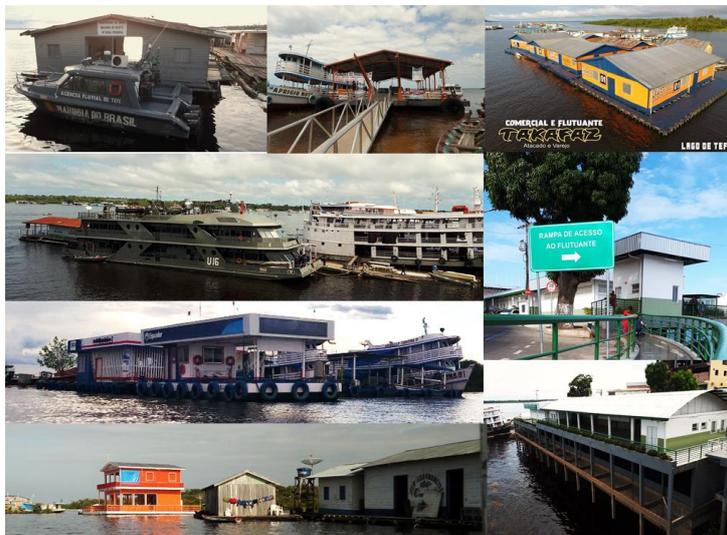


Fonte: Base de dados do Google Earth adaptado pelo autor, 2020.

a) Zona periférica fluvial do Centro: corresponde ao que Corrêa (2002, p. 42) classifica como “Zona Periférica do Centro” em condições fluviais, “a área em torno do núcleo central” (CORRÊA, 2002, p. 42). Das características que o autor discute que mais se enquadram à dinâmica dos processos relacionados ao respectivo lago urbano destacam-se as “atividades estarem muito vinculadas às do núcleo central, beneficiando-se da acessibilidade que o conjunto que esta área central desfruta” (CORRÊA, 2002, p.43).

Neste setor das águas tefeenses estão situados os flutuantes da orla da cidade e no lado oposto desta. Muitos são flutuantes tradicionais de madeira e outros são mais modernos de ferro assumem funções institucionais, comerciais e de serviços, não há muitos flutuantes domiciliares em comparação com outros setores, apesar de existirem. No entanto, os pontões, atacadões e as instituições fluviais mais relevantes se posicionam nesta área do lago propiciando fluxos de passageiros, cargas; assim como transeuntes fluviais locomovidos pelas voadeiras de diversas potências e as tradicionais catraias, base do transporte fluvial ribeirinho amazônida que somada às operacionalidades dos navios de passageiros, *ferry-boats* e lanchas Ajato do transporte fluvial se assemelham ao que Corrêa (2002, p.43) chama de “foco da circulação inter-regional” (Figura 3).

Figura 3 – Flutuantes institucionais; flutuante do Terminal do Ajato; atacadões; Pontões; o entreposto fluvial, a placa de acesso aos flutuantes e o porto municipal na “Zona Periférica Fluvial do Centro” de Tefé



Fonte: Arquivo do autor, 2022.

Os flutuantes de embarque e desembarque de cargas e passageiros provenientes das grandes embarcações do transporte fluvial advindas da capital Manaus e de todas as cidades do rio Solimões promovem o vigor dessas águas urbanas propiciando fluidez territorial a partir do Cais de Tefé e do entreposto fluvial onde o uso de uma balsa-porto privada admite a circulação de embarcações dos segmentos dos Navios-motores e *Ferry-Boats*. A empresa de lanchas Ajato, maior representante do segmento Lancha-Motor no estado, usufrui do seu próprio terminal flutuante localizado na Zona Periférica Fluvial do Centro; setor do lago onde também atuam as operações de flutuantes menores e tradicionais com função de embarque e desembarque bem como o atracadouro para lanchas-motor que transitam em linhas regulares de lanchas dos “fluxos secundários” e “fluxos terciários” (QUEIROZ, 2019, p.92); em razão de possuírem infraestruturas e tecnologias menores em comparação com as grandes e modernas lanchas Ajato advindas de Manaus referentes aos “fluxos primários”. Todavia, as lanchas menores (fluxos terciários) realizam viagens de linha para comunidades e cidades circunvizinhas a Tefé, fortalecendo a centralidade da capital regional do Solimões (QUEIROZ, 2019).

Muitos moradores de flutuantes do lago transitam pela Zona Periférica Fluvial do Centro em direção ao mercado ou à feira municipal onde há oferta de produtos com preços baixos; o que providencia identificar nesta área a presença de agentes do circuito

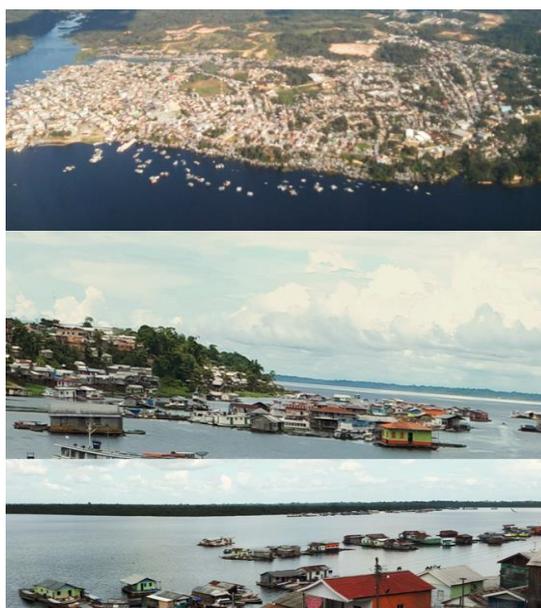
inferior da economia urbana (SANTOS, 1979) que comercializam seus produtos a sujeitos da cidade e moradores que se enquadram ao que Corrêa (2002, p.43) caracteriza como “residências populares e baixa classe média”; estabelecimentos comerciais da zona periférica do centro especializados no atendimento de demandas de clientes com poder aquisitivo mais restrito, moradores neste caso, da Zona Periférica Fluvial do Centro. Há neste setor, mercados atacadistas; alguns vinculados aos donos de navios do transporte fluvial no lago de Tefé outros aos proprietários de pontões; estes também ofertam o serviço de depósitos da mesma forma que os flutuantes domiciliares disponibilizam no lago.

Corrêa (2002, p.43) salienta que a zona periférica do centro se configura como um foco da política de renovação urbana, em função de ser uma área popular acessada com facilidade por todos da cidade. Quando essas reformas e renovações infraestruturais se realizam, a melhoria da fluidez espacial se difunde para a zona periférica fluvial do centro no lago urbano em função da proximidade de relações entre os agentes espaciais. Neste sentido, ressalta-se que a partir de 2018 a zona periférica do centro de Tefé, se beneficiou com grandes reformas e construção de novas infraestruturas, corroborando para o melhor direcionamento de serviços públicos vinculados à segurança e iluminação pública em espaços reconfigurados propiciando maior acessibilidade da população à área portuária nas margens do lago urbano, a Zona Periférica Fluvial do Centro.

ii) Núcleo secundário do bairro Juruá: o processo e forma espacial de “descentralização e os núcleos secundários” de Corrêa (2002, p.45) se correlacionam nas águas territoriais urbanas de Tefé a partir de situações geográficas que se efetuam por intermédio de uma “menor rigidez locacional no âmbito da cidade, em razão do aparecimento de fatores de atração em áreas não-centrais” (IDEM). Características e elementos de processos espaciais organizadores de formas espaciais flutuantes que se estabelecem no rio próximo ao bairro Juruá em Tefé.

Enfatiza-se que algumas áreas, tais como as próximas do bairro Abial, do igarapé do Xidarini e do bairro Juruá, são relativamente distantes da zona periférica fluvial do centro; o preço do flutuante nestes locais pode custar até um terço do valor de uma casa em um bairro na cidade ou até 10% do valor de uma casa no centro da cidade. Muitos daqueles que migram para casas flutuantes conseguem emprego na associação de catraieiros como motoriats de catraias, vigias ou serventes dos flutuantes (Figura 4).

Figura 4 – Flutuantes do Núcleo secundário do bairro Juruá



Fonte: Arquivo do autor, 2022.

Os moradores do Núcleo secundário do bairro Juruá acabam por substituir o uso de veículos utilizados na cidade por veículos aquáticos, em sua maioria a catraia. Estes indivíduos possuem acesso ao uso de celular, rádio e TV. Em função de estarem vivendo nas proximidades do núcleo urbano possuem bom acesso às instituições de saúde, educação e segurança localizadas na cidade.

No entanto, os processos espaciais que melhor caracterizam a forma espacial deste setor das águas urbanas de Tefé se remetem às atividades de agentes espaciais que correspondem ao que Corrêa (2002, p.56) chama de “coesão e áreas especializadas”, representada pela exclusiva oferta do trabalho das indústrias-serviços fluviais ou oficinas flutuantes com mão de obra especializada; estes agentes flutuantes promovem fluxos a partir da demanda destes serviços por proprietários de embarcações e de diversas oficinas de veículos da cidade; o interesse destes serviços também é direcionado por clientes provenientes de cidades vizinhas a Tefé e se realizam com o objetivo de utilizarem o trabalho dos tornos industriais locais. Estas atividades permitem identificar este setor como “Área especializada do bairro Juruá” em função da descentralização decorrente do uso e procura significativa de clientes que precisam da fabricação de peças pelas indústrias-serviços. Ressalta-se que estas também atendem em outros setores do rio como as próximas ao bairro localizado na ilha do Abial; entendidas como “Áreas sociais do bairro do Abial”. Assim, a comunicação entre os setores de

diferentes formas espaciais flutuantes se realiza por intermédio da flexibilização e articulação das atividades existentes entre os agentes funcionais de serviços especializados existentes de forma significativa em Tefé, as indústrias-serviços, criando relações úteis para a integração entre agentes locais e regionais.

iii) Áreas sociais do bairro do Abial: esta forma espacial flutuante é vinculada a uma segregação residencial examinada a partir de uma divisão social do espaço que corresponde a um processo espacial designado por Corrêa (2002; 2013) como “segregação e as áreas sociais” (Figura 5).

Figura 5 – Flutuantes domiciliares das “Áreas sociais do bairro do Abial”



Fonte: Arquivo do autor, 2022.

O aumento da população proporcionou a ampliação de antropofomas sociais (LEFEBVRE, 1999) que se adequam à rede urbana em função da seletividade imposta a partir da especulação do preço da terra que impede a aquisição desta por muitos sujeitos sociais. Na cidade, áreas de segregação se apresentam em função da ação de agentes imobiliários que buscam bons preços em setores privilegiados onde há melhores infraestruturas e aportes urbanos pertinentes a serviços públicos; acabam proporcionando a dispersão de indivíduos com menor poder aquisitivo para áreas não residenciais.

Desta maneira, nas margens do bairro do Abial se desenvolveu as “áreas sociais do bairro do Abial”; onde muitos flutuantes domiciliares funcionalizam residências ocupadas por famílias há muitas décadas; se adaptaram ao lugar; estes possuem serviço de coleta de lixo, proximidade ao posto de saúde municipal, da Polícia Militar e acesso à energia elétrica via cabo submerso da concessionária Amazonas Energia ou por

intermédio de geradores de energia auxiliado no uso de eletrodomésticos e internet via satélite acessada por celulares.

Há presença de objetos técnicos flutuantes ou formas geográficas que representam uma divisão do trabalho regional pertinentes a processos espaciais ligados às “áreas especializadas” (CORRÊA, 2002) tais como: frigoríficos, fábricas de gelo, oficinas equivalentes a indústrias-serviços e lava jato de embarcações; estes serviços e comércio permitem contratações de mão de obra local para seu funcionamento, mesmo que muitos destas ocupações sejam temporárias são relevantes na produção de ocupações laborais à população flutuante do bairro do Abial. É o setor que possui moradores com perfil social e econômico mais estável em função das habilidades e experiências adquiridas como ribeirinhos urbanos.

O bairro do Abial é uma pequena ilha da cidade de Tefé povoada por pescadores, agricultores e pequenos comerciantes revitalizadores de um gênero de vida com sociabilidades pretéritas e ritmos diferentes do restante da cidade.

Contudo, as estruturas e funções flutuantes domiciliares ficam condicionadas à “expressão espacial da segregação”, no caso a “área natural” do rio; fração disponível e submetida à dinâmica da evolução social que produz às “áreas sociais” a partir da uniformidade da população em uma área geográfica (CORRÊA, 2002, p.60) como: “*status* socioeconômico, urbanização e etnia”. Enfatiza-se que a segregação residencial “é um produto da existência de classes sociais, sendo a sua especialização no urbano” (IDEM). Deste modo, a segregação residencial representa um meio de reprodução social nestas águas urbanas do rio Tefé; enquanto as funções dos flutuantes e dos serviços disponibilizados são os locais de produção, os flutuantes domiciliares são os locais de reprodução de uma “urbanização fluvial” proveniente da especialização do espaço e da manutenção de um gênero de vida caboclo e ribeirinho.

iv) Áreas cristalizadas do igarapé do Xidarini: a dinâmica espacial da segregação providenciou a ocupação de um setor que admite um cotidiano com características peculiares próximos da cidade; possui um cotidiano diferente em razão do uso de objetos geográficos advindos de uma divisão social do espaço de outras temporalidades e ainda funcionais; este setor se encontra ao lado da zona periférica fluvial do centro, lugares onde “as frações da sociedade em movimento são distintamente acolhidas, daí rupturas e seletividade do processo” (SILVEIRA, 1999, p.353). As consequências de ocupações espontâneas e pouco organizadas de determinadas frações das águas

territoriais de Tefé representam processos que provocam uma forma espacial flutuante que se adéqua ao que Corrêa (2002) chama de “Inércia e as áreas cristalizadas”.

Dessa forma, as “Áreas cristalizadas do igarapé do Xidarini” (Figura 6) é a forma espacial pertencente ao lago que possui os moradores mais humildes, os arranjos dos flutuantes são descontínuos nas margens do igarapé (significa rio pequeno) chamado Xidarini, com aproximadamente 15 quilômetros de extensão com afluentes e subafluentes (QUEROZ, 2017). Alguns moradores destas áreas cristalizadas são índios advindos do rio Japurá, do município de Maranhã. Outros são migrantes com restrito poder aquisitivo vivendo em flutuantes precários. Muitos dependem da pesca e da tradicional forma de coleta de frutas na floresta e caça de animais silvestres como pacas e tatus para sobreviver. É notória a presença de uma inércia como processo espacial que condiciona uma cristalização das técnicas, objetos, estruturas e funções. Entrementes, são pessoas que vivem com tranquilidade, em paz com seu meio, é o setor com menos casos de violência como roubos, vias de fato e agressões em relação ao bairro do Abial e o Centro.

Figura 6 – Flutuante nas Áreas cristalizadas do igarapé do Xidarini no lago urbano de Tefé, entreposto de desembarque de balsas e um bar e restaurante local



Fonte: Arquivo do autor, 2022.

A carência de recursos materiais revela pessoas que valorizam e preservam a forma e conteúdo de seu meio ambiente envolto à fricção de processos espaciais de diferentes tempos; onde certa serenidade e quietude se apresentam mesmo envoltas aos fluxos de menor frequência de catraias, balsas e seus rebocadores. No entanto, a presença de bares e restaurantes populares que ultrapassam a sua capacidade de lotação

nos fins de semana geram poluição sonora e afligem os vizinhos da cidade e do lago. Os proprietários destes bares e restaurantes se configuram como agentes espaciais que buscam usufruir dos aspectos positivos do lugar e acabam por gerar os impactos urbanos resultantes do encontro pouco planejado de pessoas em um flutuante de entretenimento.

Entrementes, estas áreas cristalizadas do igarapé do Xidarini possuem setores em que a iniciativa privada reformula frações do espaço a partir de práticas espaciais que impactam a paisagem via as atividades de desembarque de cargas de grandes balsas advindas de Manaus como material de construção e combustível; perspectivas de impactos futuros proporcionando investimentos significativos neste subespaço fluvial de Tefé. Observa-se uma modernização pretérita (QUEIROZ, 2019) quando do uso de técnicas e objetos antigos no lugar realizando tarefas contemporâneas; fenômeno geográfico também exposto na maior presença de veículos de locomoção fluvial tradicionais como as canoas a remo, ou ainda, o pleno uso de determinados equipamentos ultrapassados, tipos antigos de telefones celulares, TVs e rádios, de décadas atrás, porém ainda úteis nestes setores humildes de Tefé.

Nestes espaços letárgicos (SILVEIRA, 1999), a divisão territorial do trabalho se alia com a rigidez das formas espaciais inertes à flexibilidade espacial; isso permite que o novo seja adiado; a modernização pretérita não possui força para mudar a forma e o conteúdo dos flutuantes que se mantêm antigas; muitos sem energia elétrica e todos sem saneamento básico, alguns sendo vendidos, usados e revendidos em um ciclo que envolve muitas décadas. No entanto, a calma do lago neste setor e a menor distância para a beira do rio num bairro afastado do centro promovem fluxos de turistas e locais, principalmente nos fins de semana. O sentimento caboclo de uso das águas para pescar, trabalhar e viver permanece como um forte elo de simbolismo cultural entre o homem e a natureza apropriada e inserida na dinâmica espacial. Neste sentido, Corrêa (2002, p.43) afirma que as formas espaciais “não são excludentes entre si (...) os processos espaciais são complementares entre si”; estes processos e formas espaciais podem coexistir numa mesma área geográfica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas espaciais flutuantes de Tefé promovem uma dinâmica do território fluvial que gera emprego e renda para trabalhadores da cidade e da comunidade flutuante; bem como inserção social via a acessibilidade de famílias com menor poder aquisitivo para adquirir casas flutuantes próximas a serviços e infraestruturas públicas ligadas à educação, saúde, segurança, transporte e energia.

Verificou-se que áreas sociais e segregadas coexistem com áreas especializadas com fluidez territorial relevante para gerar integração territorial e desenvolvimento regional a partir do aprimoramento da circulação fluvial. As estruturas tradicionais dos flutuantes de madeira inspirou a construção mais custosa dos flutuantes de ferro representando a perpetuação e inércia das formas espaciais nesses territórios fluviais periféricos. No entanto, mesmo que esses flutuantes atuando como pontões e entidades civis assumam funções novas provenientes de lugares onde a aceleração da produção se realiza, utilizando para isso técnicas modernas como de estabilizadores ou potentes bombas de combustíveis para abastecer rapidamente os motores de lanchas Ajato, Navios e *Ferry-Boats*, ainda há a sustentação de um lugar que expressa o sentimento e força simbólica do rio.

Mesmo com a proximidade das técnicas e cotidiano da cidade as pessoas da comunidade flutuante ainda se vislumbram com o cardume de peixes saltando para dentro das catraias; com a presença da majestosa floresta no horizonte enaltecendo seus mistérios; ainda fortalecem os laços que permitem a solidariedade de socializar o bom uso de determinados tipos de madeira usados na construção de um flutuante tradicional; valorizam a qualidade das canoas e remos artesanais; a leitura do tempo dos caboclos e da condição de ser um cidadão da floresta vivendo em um lago urbano inserido em águas territoriais periféricas.

O que não passa da expressão da força do simbolismo que perpetua na cultura ribeirinha amazônica frente o agir da técnica capitalista presente em qualquer lugar em que esteja o urbano, como nas águas territoriais de Tefé no Amazonas.

## REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Atlas do Censo 2010**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias – 2017**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. As lanchas “ajato” no Solimões: modernização pretérita e integração territorial. **Novos Cadernos NAEA**, v. 22, n. 1, p. 89-109, jan-abr. 2019.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Integração e globalização relativizada – uma leitura a partir de Tefé no Amazonas**. Manaus: UEA Edições, 2017.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- SILVEIRA, Maria Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Revista Ciência Geográfica**, v. XV, n.15, p. 04-12, 2011.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Um país, uma região: fim de século e modernidades na Argentina**. São Paulo: FAPESP/LABOPLAN-USP, 1999.
- THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. **Atlas do Brasil: desigualdades e dinâmicas do território**. São Paulo: EDUSP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

*Recebido em: 10/04/2022*

*Aprovado em: 15/05/2022*

*Publicado em: 19/05/2022*